



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
SANTO ANTONIO DE JESUS – BAHIA  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**LEINANE SANTOS DA CONCEIÇÃO**

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO LIVRO ESSA  
TERRA, DE ANTÔNIO TORRES**

Santo Antônio de Jesus  
Julho de 2022

**LEINANE SANTOS DA CONCEIÇÃO**

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO LIVRO ESSA  
TERRA, DE ANTÔNIO TORRES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a conclusão do componente curricular TCC II e para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Hanilton Ribeiro Souza.

Santo Antônio de Jesus  
Julho de 2022

**LEINANE SANTOS DA CONCEIÇÃO**

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DO LIVRO ESSA  
TERRA, DE ANTÔNIO TORRES**

**BANCA DE APRESENTAÇÃO**



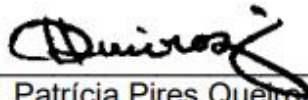
---

Prof. Dr. Hamilton Ribeiro de Souza  
Universidade do Estado da Bahia  
Orientador



---

Profª Luciana Cristina Teixeira de Souza  
Universidade do Estado da Bahia  
Parecerista



---

Profª. Patrícia Pires Queiroz Souza  
Universidade do Estado da Bahia  
Parecerista

Santo Antônio de Jesus  
Julho de 2022

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

C744g

Conceição, Leinane Santos da

Geografia e Literatura: uma Análise Geográfica do Livro Essa Terra, de Antônio Torres / Leinane Santos da Conceição. - Santo Antônio de Jesus, 2022.

52 fls : il.

Orientador(a): Hamilton Ribeiro Souza.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Geografia) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1.Geografia. 2.Literatura. 3.Diversas linguagens. 4. Ensino e Aprendizagem.

CDD: 907

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, que propiciou a vida e a capacidade de conhecer e aprender a realidade para que possamos transformá-la.

Agradeço a todos que, de alguma maneira, colaboraram com a elaboração deste trabalho. Em especial, à minha mãe Marilene, que, com humildade, honestidade, força e garra, criou eu e meus irmãos, sozinha, e mesmo com todas as dificuldades, sempre nos incentivou a permanecer estudando. Ao meu noivo, Michel Anderson, pelo incentivo, compreensão e auxílio carinhoso durante a execução deste trabalho.

Por fim, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza, por ter aceitado me orientar, pelo auxílio nos momentos que necessitei e pelas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar” (WALTERS, GRAHAM. Procurando Nemo, 2003).

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como tema Geografia e Literatura: Uma análise geográfica do livro Essa Terra, de Antônio Torres, e possui como principal meta a análise da obra literária Essa Terra, de Antônio Torres, buscando refletir sobre as possibilidades e articulações entre a Geografia e a Literatura para o ensino e aprendizagem dos conceitos e conteúdos geográficos na educação básica. Para tanto, é necessário identificar as possibilidades do ensino de Geografia no referido livro e discutir como a linguagem literária, especialmente o livro Essa Terra, pode contribuir para o ensino e aprendizagem da Geografia. Para tanto, realizou-se, então, uma pesquisa de análise bibliográfica da referida obra. Diante disso, verifica-se que as contribuições deste livro são as reflexões e a análise da realidade descritas por Torres, e que podem ser utilizadas nas aulas de Geografia para uma maior compreensão e estudo do espaço, das paisagens e das relações do homem com a sociedade e, sobretudo, com sua terra/lugar. Salienta-se que as principais características deste são os aspectos regionais, com temas, como: sertão, seca, identidade, migração, política, progresso e êxodo rural, que podem ser utilizados em sala de aula como um recurso didático para articulações entre a Geografia e a Literatura, contribuindo para a renovação do ensinar e aprender os conteúdos geográficos ministrados em sala de aula, bem como vivenciados pelos alunos no seu cotidiano.

**Palavras-chave:** Geografia; Literatura; Diversas linguagens; Ensino e Aprendizagem.

**ABSTRACT:**

The present monographic work has as its theme Geography and Literature: A geographical analysis of the book *Essa Terra*, by Antônio Torres, and its main goal is the analysis of the literary work *Essa Terra*, by Antônio Torres, seeking to reflect on the possibilities and articulations between Geography and Literature for the teaching and learning of geographic concepts and contents in basic education. Therefore, it is necessary to identify the possibilities of teaching Geography in that book and discuss how literary language, especially the book *Essa Terra*, can contribute to the teaching and learning of Geography. Therefore, a bibliographic analysis of the aforementioned work was carried out. In view of this, it appears that the contributions of this book are the reflections and analysis of reality described by Torres, and that can be used in Geography classes for a greater understanding and study of space, landscapes and the relationships between man and nature. society and, above all, with their land/place. It should be noted that the main characteristics of this are the regional aspects, with themes such as: sertão, drought, identity, migration, politics, progress and rural exodus, which can be used in the classroom as a didactic resource for articulations between Geography and Literature, contributing to the renewal of teaching and learning the geographic contents taught in the classroom, as well as experienced by students in their daily lives.

**Keywords:** Geography; Literature; Several languages; Teaching and learning.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1</b>	<b>A LITERATURA E GEOGRAFIA – DIVERSAS LINGUAGENS PARA APRENDER E ENSINAR NOVAS GEOGRAFIAS.....</b>	<b>12</b>
1.1	Para ensinar e aprender novas Geografias.....	12
1.2	As diversas linguagens no ensino de Geografia.....	18
1.3	Reencontros entre Ciência e Arte: a Geografia e a Literatura.....	23
<b>2</b>	<b>DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA.....</b>	<b>30</b>
2.1	Essa Terra, de Antônio Torres – Breve Biografia e histórico da obra.....	30
2.2	Contribuições do livro Essa Terra para as aulas de Geografia no Ensino Básico – destacando potencialidades.....	36
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>



## INTRODUÇÃO

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, analisando as transformações que ocorrem a partir das ações do homem/sociedade. Como componente curricular, a Geografia é um conhecimento trabalhado nas escolas desde os primeiros anos, levando aos alunos(as) conhecimentos sobre as diversas formas de apropriação e transformação do espaço geográfico, produzindo ações e experiências para a formação de uma cidadania consciente, reflexiva e proativa perante a sua realidade. Cidadãos socialmente conscientes, e que tenham uma reflexão crítica da realidade em que vive. Já a Literatura, trabalhada juntamente com a língua Portuguesa, no ensino básico, utiliza obras literárias, que fazem relação com a realidade dos(as) alunos(as) e que são cheias de conteúdos geográficos, podendo também ser trabalhadas nas aulas de Geografia. Dois componentes curriculares importantes e que contribuem muito para o ensino e aprendizagem dos alunos/as, tanto na sala de aula quanto no seu dia a dia. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar irá favorecer muito o desenvolvimento da prática pedagógica do docente e o ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as).

Observa-se que os temas geográficos são abordados, mesmo que indiretamente, nas obras literárias, pois as ações dos personagens se realizam num/com determinado local. Assim, isso facilita o entendimento dos leitores sobre aspectos socioespaciais, socioeconômicos, políticos, ambientais, culturais e outros que estão diretamente no cotidiano das pessoas. A possibilidade de usar as variadas linguagens para o ensino e a aprendizagem, não só da Geografia, mas também de outras disciplinas, vem ganhando espaço, pois ela tem contribuído para um maior leque de possibilidades, visando a construção do conhecimento dos(as) alunos(as) sobre diversos conteúdos, sobretudo geográficos. Percebe-se que conteúdos, como: sertão, seca, migração, exploração do trabalhador, política, lugar, progresso, dentre outros, são discutidos na Literatura, despertando o imaginário e a identificação para com os seus leitores. Isso ajuda no entendimento desses temas, e estas obras podem ser trabalhadas nas aulas de Geografia para contextualizar a aprendizagem dos alunos/as.

As diversas linguagens são uma ferramenta para diversificar, ressignificar e contextualizar as aulas no ensino básico, contribuindo para torná-las mais atrativas,

significativas e contextualizadas para os(as) alunos(as). Quando se trabalha com músicas, charges, poemas, cordéis, textos literários e outras linguagens, deixa a aula mais dinâmica, contextualizada e interessante para os(as) alunos(as), propiciando que possam ter uma maior participação e aprendizagem. Trabalhar com as diversas linguagens, principalmente, arte literária nas aulas de Geografia, vai fornecer ao professor(a) um maior aproveitamento dos conteúdos abordados pela Geografia e pela Literatura, promovendo um diálogo entre ambas, pois Geografia está presente em nossa vida, ela pode ser observada em nossas histórias, lembranças, nas representações dos lugares, nas transformações que ocorreram e ocorrem no mundo.

A Geografia está em toda parte e podemos percebê-la em todo o lugar. Vejamos, quando um autor vai descrever o que certo personagem está fazendo, a contextualização do local da ação é tão importante quanto a ação. As vivências relatadas nos livros, os acontecimentos históricos, as transformações que ocorrem nos lugares destacados pela literatura são de extrema importância para o entendimento do leitor em relação a obra literária. E é nesse momento em que há um diálogo entre a Geografia e a Literatura.

A obra literária *Essa Terra*, de Antônio Torres, tem representações geográficas desde o título do livro. Uma obra regionalista, cheia de críticas às mazelas enfrentadas por uma população pobre do sertão da Bahia. Antônio Torres trouxe para os seus leitores alguns temas bem corriqueiros no dia a dia de muitos nordestinos: a migração, a seca, a identidade com o lugar, os descasos dos políticos locais e o tão esperado progresso, temas que estão diretamente ligados à Geografia. Esses temas podem ser trabalhados nas disciplinas de Geografia e Literatura, propiciando ao aluno/a maiores reflexões sobre a realidade do seu e de outros lugares.

Sendo assim, o objetivo da utilização de uma obra literária para o ensino de Geografia no ensino básico vai além de levar o(a) aluno(a) a identificar este componente curricular e seus conteúdos nas obras literárias, mas, sim, uma interdisciplinaridade entre conhecimentos que estão presentes nos currículos das escolas públicas e particulares. Disciplinas que debatem com os mesmos temas e que podem ser discutidos em conjunto, mas que, muitas vezes, estão distantes e isolados, como se fossem temas diferentes. Vejamos uma escola que utilizada com obras literárias, falando sobre regionalismo, na disciplina de Língua Portuguesa. Se essa mesma obra fosse também trabalhada pelo(a) professor(a) de Geografia, que estaria

abordando sobre regionalismo, ele poderia utilizar a mesma obra, isso iria favorecer o aprendizado do(a) aluno(a), pois essa junção estaria beneficiando a apreensão do tema. Dessa forma, a possibilidade do ensino de Geografia através da literatura é uma ferramenta a mais para o ensino e aprendizado do(a) aluno(a).

Nisso o problema que proponho a pesquisar é: de que forma a utilização do livro *Essa Terra*, de Antônio Torres, pode contribuir para o ensino e aprendizagem da Geografia na Educação Básica?

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é fazer uma análise bibliográfica do livro *Essa Terra*, de Antônio Torres, refletindo sobre as possibilidades e articulações entre a Geografia e a Literatura para o ensino e aprendizagem dos conceitos e conteúdos geográficos na educação básica. Especificamente, busca-se também discutir como as diversas linguagens, especialmente o livro *Essa Terra*, pode contribuir para o ensino e aprendizagem da Geografia. Identificar as possibilidades do ensino de Geografia, na obra literária *Essa Terra*, de Antônio Torres

Ressalta-se que este trabalho está atrelado às pesquisas e discussões efetuadas pelo Grupo de Pesquisa *GEOREDE – Cartografia das (Geo)grafias experienciadas, aprendidas e ensinadas*<sup>1</sup>, Linha 1: Outras formas, linguagens e espaços para ensinar e aprender Geografia, do DCH – UNEB - Campus V, em Santo Antônio de Jesus/BA.

O procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa foi a análise bibliográfica da obra literária *Essa Terra*, de Antônio Torres. Também foram utilizados livros e artigos de diversos autores da Geografia, especialmente sobre as múltiplas linguagens e, sobretudo, sobre Geografia e Literatura, para embasar as discussões deste trabalho. Nesse sentido, destaca-se a relevância desta pesquisa, pois irá contribuir com o já iniciado processo de renovação do ensinar e aprender Geografia, levando para a sala de aula as possibilidades para transformação da práxis pedagógica, a fim de inserir as diversas linguagens para potencializar, diversificar e

---

<sup>1</sup> O referido grupo de pesquisa, fundado, em 2021, pelos docentes da área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Geografia, do Colegiado de Geografia – UNEB – DCH Campus V – Santo Antônio de Jesus/BA, busca sistematizar e aprofundar investigações quanto à formação, o ensino e a atuação do docente em Geografia no Recôncavo e regiões circunvizinhas, refletindo sobre os obstáculos, tensões e perspectivas que permeiam a prática pedagógica da Geografia escolar. É estruturado em quatro linhas de pesquisa: 1- Outras formas, linguagens e espaços para ensinar e aprender Geografia; 2- Temas contemporâneos, interdisciplinaridade e a Geografia escolar; 3- Formação, bem-estar e histórias de vida de professores de Geografia; 4- Didática e Práticas Educativas de Geografia na Educação Básica, e coordenado pelo Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza.

ressignificar as aulas no ensino básico, contribuindo, assim, para torná-las mais atrativas, significativas e contextualizadas.

Há também a relevância social e educacional, pois com a utilização das diferentes linguagens, em destaque o livro *Essa Terra*, como um instrumento de ensino de Geografia, pode contribuir com outras possibilidades para refletir e problematizar em relação às paisagens, ao espaço vivido e à relação do sujeito com a natureza e sociedade. Conseqüentemente, um maior número de alunos conseguirá ter uma maior compreensão dos conteúdos geográficos ministrados em sala de aula, conhecendo outros lugares e outras realidades, que, muitas vezes, se assemelham ou destoam da sua realidade vivida.

Este trabalho está estruturado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais: O primeiro capítulo, intitulado “A Literatura e Geografia – diversas linguagens para aprender e ensinar novas geografias”, está dividido em três partes e corrobora para a reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores para a inovação no ensinar Geografia, especialmente quanto ao uso das diferentes linguagens e das suas possibilidades. Também traz reflexões sobre os diálogos possíveis e necessários entre a Geografia e a Literatura.

No segundo capítulo, intitulado “Diálogos interdisciplinares entre Geografia e Literatura”, está subdividido em três partes, que abordam e discutem os dados e informações da pesquisa bibliográfica do romance *Essa Terra*, de Antônio Torres. São destacadas as abordagens geográficas do referido livro, apresentando suas possíveis contribuições para as aulas de Geografia.

# **1 A LITERATURA E GEOGRAFIA – DIVERSAS LINGUAGENS PARA APRENDER E ENSINAR NOVAS GEOGRAFIAS**

O presente capítulo está subdividido em três partes, que serão abordados e discutidos os seguintes temas: as possibilidades do Ensino de Geografia e as dificuldades enfrentadas pelos professores para a inovação do ensinar a ciência geográfica de maneira que venha facilitar a aprendizagem do(a) aluno(a); a utilização das diversas linguagens como possibilidade para o ensino de Geografia; os diálogos possíveis e necessários entre a Geografia e a Literatura.

## **1.1 Para ensinar e aprender novas Geografias**

A prática do ensino de Geografia por muitos anos foi fundamentada pela Geografia tradicional, essa corrente geográfica de viés positivista, criou uma Geografia baseada nas descrições de fenômenos e paisagens naturais, enumerações, classificações dos fatores referentes ao espaço geográfico, explicações objetivas da realidade, como exemplifica Morais (2013), nesta corrente geográfica havia uma pseudoneutralidade científica, favorecendo a não crítica e a apolítica. As relações do homem com a natureza eram descritas de forma bem objetivas, sem maior aprofundamento nas ações que esses homens estavam exercendo nesse espaço vivido, fazendo com que os estudos desse componente curricular fossem exaustivos e pouco atraentes para os estudantes da educação básica (MORAIS, 2013).

Do mesmo modo que existem educadores buscando por uma metodologia de ensino que venha fugir do ensino tradicional, também existem educadores que acreditam que o ensino tradicional seja uma metodologia ainda aceitável, pois os(as) alunos(as) necessitam acumular, sem a devida criticidade, conteúdos referentes às paisagens e fenômenos naturais, ao invés de refletir e questionar as ações e transformações que os homens fazem no espaço geográfico.

Para os defensores da Geografia tradicional, as descrições de fenômenos e das paisagens naturais não fazem com que as aulas sejam exaustivas e pouco atraentes para os(as) alunos(as), acreditam que a falta de interesse nesses estudos é de total responsabilidade dos(as) alunos(as) e não das metodologias, muitas vezes,

ultrapassadas e sem nenhuma ligação com o cotidiano/realidade. O ensino tradicional, muitas vezes, não leva em consideração as vivências dos(as) alunos(as), deixando-os totalmente de fora desse espaço que estão estudando e do qual fazem parte e produzem.

Assim, apesar dos avanços já existentes em muitas salas de aula deste país, ainda se faz necessário uma melhoria contínua na forma de se ensinar Geografia, novas possibilidades de ensino devem ser buscadas pelo educador(a) para poder potencializar suas aulas, como destaca Kaercher (2011, p. 3)

Enfim, através do belo, da imaginação e da interrogação estimular a produção oral e escrita dos alunos na direção de um ensino que atraia o aluno e estimule-o a uma leitura mais argumentada e plural do mundo.

Com isso, o(a) professor(a) terá aulas mais dinâmicas, críticas, reflexivas e atraentes para os(as) alunos(as), sem deixar de lado os conteúdos e a contextualização com a sua realidade. Kaercher (2011, p. 3) ainda propõem que:

Diante de tantos relatos de práticas docentes que mostram aulas distantes de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos do Ensino Fundamental e Médio – a Geografia escolar – proponho pequenas utopias de práticas que possam manter viva a chama da renovação e da reflexão em nossa docência

Estas pequenas práticas utópicas, como chama o autor, muitas vezes são essenciais para transformar uma aula enfadonha e pouco produtiva, em uma aula que desperte e insira o(a) aluno(a) no seu contexto. Colocar o(a) aluno(a) e seu espaço vivido no centro das aulas é uma escolha simples e muito produtiva para as aulas de Geografia, como destaca Kaercher (2011, p. 4)

Propor atividades simples, de baixo custo (geografia do custo zero, gcz), mas que contribuam na busca de uma docência levedensa (outro neologismo): leve na forma (método), densa na capacidade de interpretar e intervir no espaço vivido.

A Geografia a custo zero é uma opção para potencializar as aulas nas das escolas públicas. Entendemos que o contexto atual da educação é preocupante e que as condições de trabalho do(a) professor(a), muitas vezes, não favorecem o desenvolvimento de uma práxis pedagógicas que propicie avanços no ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as). Mesmo com todas as condições precárias

oferecidas ao docente em um país como o Brasil, é preciso se pensar em novos projetos para o ensino de Geografia, assim como a Geografia a custo zero, defendida por Kaercher (2011), as novas linguagens vêm a ser um recurso para potencializar aulas e revelar sua importância social.

Mesmo que o ser professor(a) seja uma tarefa árdua, enfrentamos o descaso dos governantes, escolas sucateadas, salários baixos e, muitas vezes, a falta de interesse dos(as) alunos(as). E ainda tem as altas jornadas de trabalho, que, muitas vezes, deixam o(a) professor(a) desmotivado, como ressalta Cavalcanti

Em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos. Outros pautam seu trabalho pelo desejo permanente de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos que ensinam, envolvendo seus alunos e articulando intencionalmente seus projetos profissionais a projetos sociais mais amplos. Estes últimos não buscam simplesmente recursos técnicos, receitas para um bom ensino, como muitas vezes se diz. Eles têm intuição de que isso não basta, pois, os desafios que necessitam enfrentar não são simples e passíveis de se resolver com receitas; ao contrário, são complexos e requerem orientações teóricas seguras, conhecimento da realidade e dos processos da escola, convicções sobre modos de atuação nessa instituição. (CAVALCANTI, 2010, p. 1)

Kaercher também salienta as dificuldades enfrentadas pelo professor(a)

Claro, nossos limites são enormes, enfrentamos obstáculos que superam nossa capacidade de intervenção (basta imaginar quantas famílias desestruturadas ou ausentes afetam a capacidade e o interesse dos alunos em nos ouvir, aprender, etc.). Mas, e sendo um otimista, talvez “abobado” ou desinformado, penso que algo podemos com nossas aulas. Estimular a capacidade de reflexão acerca do mundo que nos envolve é tarefa indeclinável de qualquer professor. Ajudar o aluno a ler e dizer sua palavra, idem. Estimular uma leitura mais plural e dinâmica do mundo também é tarefa que nós não podemos abrir mão. E tudo isso, embora nos soe como “tarefa”, „obrigação” e tem algum peso, também é seu par dialético: possibilidade, desafio e alegria. (KAERCHER, 2011, p. 4)

Mesmos com a enorme dificuldade que é ser professor(a) e os desafios encontrados na área da educação, devemos procurar maneiras para solucionar o que funciona mal e buscar soluções para esses problemas, como salienta Kaercher (2011, p. 13), pois “ver nossos limites para não desanimar com eles, mas para buscar novos pactos e ideias”. Essa tarefa deve ser dos governantes, da sociedade e de toda a comunidade escolar, pois só deixar a cargo do(a) professor(a) a buscar melhorias

para resolver os problemas encontrados na educação, acaba condenando o professor, que também é vítima deste problema.

Ser professor(a) vai além de passar um assunto para seus(as) alunos(as), ser professor(a) é fazer o(a) aluno(a) entender o conteúdo e saber identificar estes saberes no seu cotidiano; fazer o(a) aluno(a) ter interesse pelos conhecimentos e saberes produzidos por esta ou aquela ciência/componente curricular, mostrando-lhe sua relevância acadêmica e social, fazendo com que o(a) aluno(a) tenha uma leitura mais aprofundada e relevante do mundo em que vive.

O(A) professor(a) de Geografia vai ter que lidar com todas estas dificuldades enfrentadas na área da educação e ainda ter que lidar com o desinteresse dos(as) alunos(as) pela disciplina, por acharem que a Geografia, apesar dos avanços, é um componente curricular visto como memorética, pois o objetivo antigo era decorar nomes dos lugares, países, relevo, etc. como salienta Cavalcanti (2010, p.1).

Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla.

Com isso, para o(a) professor(a) de Geografia mostrar para o(a) aluno(a) que a Geografia, vai além da decoração de mapas e de lugares, tem cobrado do(a) professor(a) uma inovação nas suas metodologias, buscar por uma práxis didática a que venha favorecer a participação do(a) aluno(a) como agente construtor deste espaço que ele(a) está estudando, e, para isso, é preciso deixar de lado um pouco do tradicionalismo que existe na educação.

Além de uma inovação na prática pedagógica, o(a) professor(a) tem que fazer o(a) aluno(a) se encantar com a Geografia, como discute Morais (2013, p. 263), ao afirmar que, “para ensinar Geografia é preciso que o professor se encante e encante o aluno com uma práxis pedagógica que o faça descobrir e compreender a Geografia como ciência, arte e vida”, e Kaercher (2011, p. 13) ressalta que: “Não, você não vai mudar o mundo com suas aulas, mas pode, com suas aulas, mudar a indiferença do seu aluno(a) para com a geografia”. Assim, a utilização das diferentes linguagens em sala de aula vem se tornando um recurso muito rico para ajudar no ensino de Geografia, sem que a ciência geográfica venha perder o seu caráter e objetivo, mas sim, que ela venha ser mais bem compreendida e aceita por esse público jovem.

Utilizar linguagens que estão no cotidiano dos(as) alunos(as) nas aulas, favorece a participação destes, além de um maior aprendizado dos conteúdos abordados.

A inovação do ensinar vai exigir do professor a utilização de diversas linguagens (visual, cognitiva e auditiva) para facilitar a construção do conhecimento dos(as) alunos(as). Sendo assim, para ensinar as diferentes geografias, o(a) professor(a) precisa pensar, para quem vai ensinar, quais os conteúdos geográficos que serão ensinados, como discute Cavalcanti (2010), o(a) professor(a) deve ensinar os conteúdos geográficos, que venha exigir um diálogo vivo entre professores e alunos(as). Nesse diálogo, as duas partes têm a possibilidade de manifestar seus conhecimentos, levando um a debate e análise dos conteúdos e da realidade que se busca compreender.

A educação é formadora de cidadãos, e é a partir dela que as pessoas conhecem seus direitos e podem lutar por uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Para isso, o(a) professor(a) tem que saber o poder de transformação que suas aulas podem fazer na vida dos seus alunos(as). Assim, as aulas de Geografia vão contribuindo para que os estudantes venham se tornar cidadãos cientes de seus direitos, como afirma Callai:

Diante deste contexto, a educação escolar assume um papel central, na medida em que pode contribuir para uma formação que prime pela capacidade crítica de analisar e entender o mundo. É nesse sentido que o conhecimento escolar, aliado ao conhecimento geográfico, podem ser possibilidades de contribuir com a formação de sujeitos capazes de lutar pela construção de um mundo mais humano, baseado nos pressupostos da cidadania. (CALLAI, 2018, p.3)

Para a autora, a escola e a disciplina de Geografia têm um grande papel na formação para uma sociedade consciente. Callai cita Souza e Cavalcanti (2014, p.1) que discute: “a Geografia como “disciplina capaz de formar pessoas para atuação cidadã”. A autora acrescenta:

Os autores destacam que a Geografia, além de ser a ciência que estuda o espaço, também oferece condições para o desenvolvimento do aluno para a sua atuação na sociedade como cidadão. Analisando as contribuições dos autores, faz-se importante indagar: Como a Geografia contribui para a formação cidadã? (CALLAI, 2018, p.15)

A indagação da autora nos faz refletir sobre o papel da disciplina de Geografia como formadora de cidadãos. Como nós, professores, podemos transformar nossos

conhecimentos geográficos em uma ferramenta para produzir, ou ajudar a construir um mundo onde existam pessoas conscientes do que é ser cidadão e exercendo sua cidadania plena, lutando para não perder os direitos que foram tão difíceis de conquistar.

Acredito que uma das maneiras, já foi citada anteriormente, contudo, reafirmo que o(a) professor(a) tem um papel fundamental nessa formação, que a renovação nas aulas de Geografia possa ajudar de maneira direta, mas, para isso, é preciso, mostrar a importância da Geografia para a formação da sociedade, e esta se manter nos currículos escolares como uma importante disciplina para a formação dos(as) alunos(as) e para a transformação destes em cidadãos. Muitas são as transformações no ensino de Geografia nas escolas de ensino básico, algumas elas não tão positivas, como a perda de espaço/carga horária da Geografia no ensino médio. Quais os motivos para a perda de espaço que a Geografia vem sofrendo? Callai nos remete à reflexão sobre as mudanças que vêm ocorrendo nos currículos da educação básica

E no parágrafo primeiro diz: Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. O exposto no parágrafo primeiro deste artigo contemplará a Geografia? Dentro da base nacional comum? Como disciplina tradicional? Ou estas serão substituídas por áreas que consideram os vários aspectos da realidade? Na parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais, contemplada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, qual o preparo dos professores de Geografia no interior de suas escolas para garantir o Lugar do ensino de Geografia no currículo escolar? E no segundo grau, na parte eletiva, terá a Geografia algum significado para atrair a atenção e criar a necessidade de opção por ela? Qual o papel que está reservado para a Geografia no processo de formação do aluno? (CALLAI 1998, p. 2)

A autora salienta para a reformulação dos currículos, que vem ocorrendo desde o ano de 1998, e como a Base Nacional Comum Curricular pode deixar de contemplar o ensino da disciplina e incluir apenas como conhecimento do mundo físico e natural. Callai (1998), ainda questiona se esse novo currículo, vai contemplar as diferenças regionais e o preparo dos(as) professores(as) para garantir o lugar do ensino de geografia no currículo.

O que podemos pensar que para garantir que a Geografia continue sendo uma disciplina obrigatória do currículo escolar, tem que se mostrar sua importância para a formação dos(as) alunos(as), pois senão, ela irá cada dia mais perdendo seu espaço dentro dos currículos escolares.

Para tanto, grandes são os percalços que os professores, alunos(as), gestores, e poder público terão ainda que superar para uma renovação mais efetiva, tanto na educação quanto no ensino de Geografia. Nossa intenção, neste trabalho, não é dar receitas de como pode ser feito, pois em cada canto do país, tais transformações vêm ocorrendo, mesmo que silenciosamente. Tampouco queremos elencar os problemas que precisam ser resolvidos, pois, há muitas singularidades nos problemas das escolas de todo o Brasil, assim como também há muitas maneiras de resolver esses problemas, levando sempre em consideração a realidade das escolas, dos professores e principalmente dos(as) alunos(as). O que desejamos com essa pesquisa/trabalho, é fazer uma reflexão de como as diferentes linguagens podem ajudar na renovação, já em processo, do ensino de Geografia na educação básica.

## **1.2 As diversas linguagens no ensino de Geografia;**

Ser professor(a) é uma das profissões mais relevantes que existe, fazer parte da formação e descoberta de mundo de uma pessoa é muito prazeroso. O ensinar é uma tarefa para aqueles que estão dispostos a se tornar mediadores do conhecimento, se encantar e encantar seus alunos(as) com a construção de determinados conhecimentos. Além disto, ainda tem a parte de “perder” noites preparando aulas, buscando metodologias que venham contemplar o conteúdo pensado, buscando melhores maneiras de ajudar no ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as). Para mais, deve sempre estar atento para saber se esse(a) aluno(a) está conseguindo construir conhecimentos através das aulas e das metodologias escolhidas para se ensinar.

Com isso, o docente tem que estar sempre disposto a inovar nas suas aulas, buscando maneiras diversas de se ensinar, e as diferentes linguagens pode ser uma das possibilidades para o ensino. Aqui, especificamente, discutir as possibilidades de utilização das diversas linguagens no ensino desta disciplina.

De acordo com Oliveira (2011, p.1), O termo “diferentes linguagens” aponta para uma necessidade de versatilização e diversificação dos materiais utilizados no ambiente escolar. E esse ponto também aponta para o triunfo da supremacia da linguagem verbal (oral e escrita) no cenário da sala de aula.

Podemos considerar que as diversas linguagens venham ser um recurso de grande importância para o ensino em sala de aula, pois, como salienta Ferreira (2017) é um desafio para um(a) professor(a) de Geografia buscar estratégias que estimulem os(as) alunos(as) a compreensão dos conteúdos geográficos. Com isso, a utilização de recursos como músicas, charges, cinema, literatura, jogos, etc., amplia as diferentes formas de linguagens utilizadas no ensino de Geografia e auxilia na promoção e desenvolvimento do pensamento crítico nos(as) alunos(as). Ferreira (2017) salienta que:

Destarte, o professor é estimulado a buscar metodologias capazes de promover a construção da criticidade no aluno. Assim, não deve se prender ao livro didático, material básico que precisa ser articulado com recursos variados. Logo, para alcançar os objetivos propostos pode se utilizar de diferentes linguagens no ensino, como: música, poesia, histórias em quadrinhos, tirinhas, internet, televisão, filmes, vídeos, slides, entre outros (FERREIRA, 2017, p.115).

Ferreira (2017) utiliza uma citação de Santos, Costa e Kinn, que por sua vez, afirmam que:

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e do quadro negro, é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico-científico-informacional desde os anos de 1970. (SANTOS, COSTA E KINN, 2010, p. 44 *apud* FERREIRA, 2017, p.115)

Ferreira (2017, p.115) acrescenta ainda que:

Consta-se, portanto, a necessidade de o docente procurar renovar a cada dia em sua prática, não deixando que nenhum recurso torne um fim em si mesmo, procurando usar diferentes recursos e metodologias de forma crítica. E assim estimular a criticidade no aluno, por exemplo, mostrando que se ele assistir a um telejornal deve ter o senso crítico para procurar outras fontes e desse modo confirmar se realmente as informações transmitidas são verídicas, podendo com isto formar sua própria opinião. Desta forma, a utilização de diferentes linguagens ajudará o aluno a refletir sobre informações apreendidas.

A discussão aqui proposta, não busca convencer que a utilização das novas linguagens venha ser a principal forma de ensinar Geografia, mas que possa ser uma possibilidade a ser pensada pelo(a) professor(a) na hora de planejar e escolher os recursos e estratégias de ensino a serem utilizados em sala da aula.

É importante salientar também as dificuldades que os professores de uma escola da rede pública podem passar com a falta de recursos didáticos, que possibilite a desenvolver aulas diferenciadas e mais tecnológicas. Porém, a busca por metodologias e recursos mais acessíveis deve ser pensada para se trabalhar nas salas de aula das escolas públicas de educação básica. Tonini (2011, p. 97) afirma que:

A compreensão do mundo exige alterações em nossas formas de aprender, nas maneiras de ensinar, bem como requer mudanças nos processos de referências de nossa formação. Diante dessa constatação, é necessário buscar alternativas capazes de enfrentar os desafios de ampliar o diálogo entre o conhecimento e o das práticas culturais.

Com isso, a introdução das diferentes linguagens no ensino é de suma importância, pois, ela possibilita ao professor(a), trabalhar com um determinado conteúdo de várias maneiras, utilizando linguagens que podem auxiliar na melhor compreensão dos(as) alunos(as) em relação aos conhecimentos trabalhados. Com isso, a sala de aula se transforma em uma extensão da rua, da casa, do bairro, da cidade, das redes sociais, em que esses alunos(as) estão inseridos. O mais importante é que essas linguagens estejam no cotidiano desse aluno(a), para que elas venham a ser melhor entendidas por ele(a). A tarefa do(a) professor(a), como já foi dita ao longo deste texto, é de conhecer, planejar e utilizar as diversas linguagens, a fim potencializar o ensino e aprendizagem do aluno.

Muitas são as possibilidades de utilização das diversas linguagens, muitos são os caminhos que o(a) professor(a) pode trilhar com a utilização desses recursos. Para Pontuschka *et al.* (2007, p. 215)

As linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque, por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para jovens, professores e cidadãos que já passaram pela escola em tempos anteriores.

Pontuschka *et al.* (2007, p. 215) salienta ainda que

Os recursos didáticos - ou empregados com propostas didáticas -, na qualidade de mediadores do processo de ensino-aprendizagem nos diferentes níveis, obedecem, em sua seleção e utilização, a alguns critérios, tais como adequação aos objetivos propostos, aos conceitos e conteúdos a ser trabalhados, ao encaminhamento do trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e as características da turma do ponto de vista das representações que trazem para o interior da sala de aula. Esses recursos, se adequadamente utilizados, permitem melhor aproveitamento no processo

de ensino e aprendizagem, maior participação interação aluno-aluno e professor-aluno.

Para corroborar com esta reflexão, acerca de como devem ser utilizadas as diferentes linguagens, para um melhor aproveitamento no ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as), cabe ao professor(a) ter domínio desses recursos e estratégias de ensino, além do domínio dos conteúdos e, principalmente, conhecer os(as) alunos(as) para que estas experiências de aprendizagem possam ser utilizadas de forma eficaz. Inúmeros são os recursos didáticos, materiais e linguagens que podem ser trabalhadas em sala de aula, entre eles estão filmes, vídeos, imagens, literatura, imagens de satélite, mapas, histórias em quadrinhos, jornais, poemas, livros didáticos, gráficos, desenhos, jogos, charges, memes, músicas, dentre outros. Pontuschka *et al.* (2007, p. 216) pontua que “cada uma das linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professor(a) e alunos(as) para maior compreensão daqueles a serem trabalhadas com conteúdos geográficos”. Com isso, torna-se relevante a utilização de diferentes linguagens em sala de aula, pois essas linguagens também são representações e produções da sociedade, cuja disciplina de Geografia busca analisar.

Com isso, o docente, deve buscar atividades que despertem nos(as) alunos(as) a criticidade, o interesse e a reflexão. Por exemplo, quando o(a) professor(a) for trabalhar com o conteúdo de globalização, ele pode propor aos alunos ouvir uma música sobre o tema e com a letra desta música fazer a interpretação textual, depois, pedir para os alunos refletirem sobre o que entenderam com a música. Assim, o(a) professor(a) vai mediando o conhecimento geográfico com as narrativas e/ou experiências dos(as) alunos(as).

O(A) professor(a), nesse momento, pode com a sua fala, ir aguçando a curiosidade dos(as) alunos(as) com o conteúdo trabalhado e provendo uma maior reflexão que venha nortear a discussão deste conteúdo. Como pode também, apresentar uma charge que faça uma crítica aos processos da globalização e as desigualdades causadas por ela. Também pode ser utilizado um cordel com a temática abordada. Para Alves (2016, p. 5)

O espaço da sala de aula é o momento de transformação e aprendizado, pensando assim, os conteúdos geográficos com o apoio do livro didático devem ser pensados e trabalhados com imagens, figuras, jogos, mapas, maquetes, filmes que complementem respectivos conteúdos e não substituídos pelo tema central da aula. O planejamento da aula é imprescindível para a apreensão do conhecimento, organizar o material a ser

utilizado e não improvisar o que irá ser trabalhado. Selecionar linguagens de acordo com o conteúdo previsto. A proposta de metodologia, o “como fazer” deve ser clara, objetiva e flexível a realidade de sala de aula. Influenciar o aluno para o envolvimento nas atividades de sala de aula, bem como a participação em ações, projetos na escola, que a escola não seja vista como “obrigação”, mais um espaço de socialização, de descobertas e construção do conhecimento.

Essas são alguns das muitas possibilidades de se trabalhar com as diversas linguagens em sala de aula, utilizando métodos simples e sem grandes custos para os professores. Além de possibilitar uma maior participação dos(as) alunos(as) nas aulas. Com isso, os(as) alunos(as) vão concretizando o conhecimento a partir do momento que eles passam a identificar esses conteúdos no seu dia a dia, como enfatiza Rego, Castrogiovanini, Kaercher (2011, p.34) “o ensino de Geografia deve acreditar que a construção do conhecimento se faz pela compreensão dos processos e não pela enfadonha e acrítica forma classificatória em hierarquia espacial e marcadores temporais.” O(A) professor(as), deve provocar a reflexão com os conteúdos abordados, para, com isso, fomentar a sua compreensão pelos(as) alunos(as).

Infelizmente, a renovação do ensino vai se fazendo aos poucos e muitas vezes deixado apenas a cargo do professor em buscar melhorias na forma de se ensinar. Uma tarefa que deveria ser de todos, muitas vezes é cobrada apenas dos(as) professores(as), que são condenados pela reprovação dos(as) alunos(as). Para Alves (2016, p. 5):

O ensinar geografia deve tornar-se uma atividade prazerosa entre educador e educando, é sabido que para ser realidade, deve haver maior investimento na formação docente, na estrutura física da escola e uma didática que favoreça a interação aluno e professor.

Com isso, a discussão aqui proposta busca reforçar que as diferentes linguagens, podem ser uma das formas de ajudar o(a) professor(a) nessa tarefa que é tão difícil que é o ensinar, pois, com a diversificação das práticas, o docente vai renovando também o seu amor pela profissão, sua esperança na construção de uma sociedade melhor através do ensino.

Ademais, com a introdução das diversas linguagens na sala de aula, pode haver também uma interdisciplinaridade com outras disciplinas. Essa interdisciplinaridade pode ser feita em conjunto com professores de Geografia e

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (LPLB), propondo a escolha de obras literárias que possam ser trabalhadas nas duas disciplinas. Como também, poemas que são trabalhados na disciplina que podem ser utilizados nas aulas de Geografia, como no caso de Morte e Vida Severina. Esse poema que retrata a vida de Severino no sertão nordestino é um excelente recurso para se trabalhar nas aulas de geografia, com esse poema se pode trabalhar a questão da seca, a questão da terra, da reforma agrária, a paisagem, a cultura para entender os lugares, da pobreza que vai causar a migração de Severino e, a questão dos retirantes, o percurso de Severino pode levar a atividades para conhecer e localizar os estados que compõem o Nordeste brasileiro.

Muitas são as possibilidades que podem ser pensadas para se trabalhar com o poema Morte e Vida Severino de João Cabral de Melo Neto (1955), nas aulas de Geografia, assim também como a obra literária Essa Terra de Antônio Torres (1976), cujas possibilidades de utilização nas aulas de Geografia, serão analisadas nos próximos capítulos deste trabalho.

Com isso, o papel da utilização da obra literária nas aulas de Geografia se torna uma diferenciação na prática do docente. Porém, a obra escolhida tem que conter elementos que provoquem uma identificação com realidade dos alunos e uma contextualização com os conteúdos geográficos, a fim de despertar a curiosidade, reflexividade e criticidade para realizar outras leituras de mundo.

### **1.3 Reencontros entre Ciência e Arte: a Geografia e a Literatura.**

A Geografia e a Literatura, por muito tempo caminharam juntas, sendo utilizadas por geógrafos e outros estudiosos para conhecer as paisagens e entender o espaço vivido, especialmente de lugares distantes. Assim, o estudo de obras literárias a partir de uma perspectiva geográfica não é algo recente. Entre os geógrafos franceses, a ideia de resgatar a Geografia que aparece em romances, contos, poemas e crônicas, vem desde a década de 1940, e essa ideia era algo fundamental para os estudos desta ciência (OLANDA E ALMEIDA 2008).

Porém, a aproximação entre essas duas áreas do conhecimento foi se perdendo ao longo do tempo, deixando de ser utilizada em conjunto. Porém, geógrafos como Claval (1999), Tissier (1991) Tuan (1982) acreditam que reaproximação destas duas áreas do conhecimento é muito importante para um maior

entendimento do mundo, através do estudo das relações que o homem tem com a natureza/espço vivido, que sempre foi pano de fundo das obras literárias.

No início dos anos 1980, foram organizadas coletâneas para que diversos autores pudessem mostrar seus pontos de vista sobre as várias relações existentes entre a Literatura e a Geografia como uma forma de estudo das perspectivas e experiências com o espaço, o espaço vivido e suas percepções (LIMA, 2000). Com isso, o estudo da Geografia através das obras literárias pode ser feito através do estudo das paisagens descritas como cenário do mundo vivido. As áreas geográficas vislumbram visões de símbolos e signos com constante dinamismo, transmitindo informações que falam silenciosamente sobre percepção, valores e buscam o sentido inerente à união e ruptura do ser humano com seus espaços de vida.

Adaptação humana a diferentes paisagens, então, torna-se uma parte importante da história narrada. Na paisagem encontramos, memórias de sociedades de diferentes culturas num passado distante ou numa escala histórica que não existia, ou ainda no contemporâneo presente-futuro. A paisagem pode ser experienciada de vários ângulos e vão refletir conjuntos de significados diferentes e, muitas vezes, bem específicos, conforme as nossas intenções, bem como a natureza dos ambientes.

O geógrafo da corrente humanista, em consonância com as vozes da ciência e da filosofia, não deve ignorar nada que possa esclarecer as complexidades da relação da humanidade com o planeta. Em primeiro lugar, deve tentar “unir-se, reconciliar mentes, conhecimento e ação, em nosso cotidiano” (LIMA, 2000, p. 1). Portanto, se nossa pesquisa exige a objetividade dos valores científicos por um lado, e por outro, diante das novas fronteiras da pesquisa geográfica, devemos também buscar valores subjetivos ao invés de noções preconcebidas. Assim, na literatura encontramos muitos exemplos de narrativas sensíveis das várias expressões que existem na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo da vida, seu ambiente. A paisagem/mundo da vida é apresentada no contexto de vários documentos que revelam com precisão a visão global desta experiência espacial, mais próxima da realidade (LIMA, 2000).

Sendo assim, atualmente, a Literatura é considerada um arquivo social, que pode ser utilizada pelos geógrafos para o estudo do espaço, das paisagens, das relações do homem com a sociedade e principalmente com a aproximação da

Geografia e Literatura, poderá ter uma maior compreensão da realidade, que estão impressas nestas ciências. Olanda e Almeida (2008) salientam que

Nos últimos anos, devido à busca de novas formas de compreensão da realidade, o impulso e o empenho crescentes em atender e replicar as questões atuais presentes na ciência, fortaleceu a aproximação entre a Geografia e a Literatura. Aos geógrafos abre-se um leque de caminhos para tal realização. Um desses caminhos é a abordagem cultural na Geografia que propõe a cultura como uma das vias para compreender as relações humanas entre seus pares e com o meio e a sua influência na organização espacial. (OLANDA E ALMEIDA, 2008, p. 2)

Assim, essa união vai possibilitar vários caminhos para os geógrafos. Olanda e Almeida (2008, p.2) acreditam que a cultura é uma abordagem para compreender as relações humanas com o meio, e como essas relações influenciam na organização espacial.

No contexto dessa abordagem a leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características socioculturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana. (OLANDA E ALMEIDA, 2008, p. 2)

Marandola Junior e Oliveira (2009, p. 4) salientam ainda que essa união vem sendo construída ao longo da criação e desenvolvimento da arte literária e da ciência geográfica.

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto de processos físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo). Fascinava os geógrafos do século XIX e da primeira metade do século XX a capacidade de muitos escritores de descrever regiões e lugares que os próprios geógrafos, muitas vezes, ainda não tinham estudado. (MARANDOLA JUNIOR E OLIVEIRA 2009, p. 4)

Marandola Junior e Oliveira (2009, p. 4) utilizam um pensamento de Monbeig para salientar que

Pode-se identificar estas indicações, inclusive no período da sistematização geográfica, como nas aproximações de Humboldt com a pintura e a literatura, num contexto de maior aproximação entre os saberes. É neste sentido que Pierre Monbeig apontava, já em 1940, que não era possível estudar uma cidade ou uma região sem ler, primeiro, seus grandes romancistas, pois deles era possível extrair ricas e detalhadas descrições sobre a paisagem geográfica, o clima, as cidades, as pessoas, o relevo, enfim sobre o cotidiano do mundo vivido das sociedades. (MONBEIG, 1957 apud MARANDOLA JUNIOR E OLIVEIRA, 2009, p.4)

Para Olanda e Almeida (2008), a possibilidade de ter um diálogo entre Geografia e a Literatura que possibilite entender a relação com o meio de sua vivência e os aspectos socioespaciais de determinada sociedade impressa nas obras literárias se deu pela Geografia cultural, que está fundamentada na Geografia Humanística, e que aprofundou os estudos sobre o indivíduo, suas ações, valores, sentimentos e seus produtos. “O viés humanístico avança no sentido de investigar como as atividades humanas e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da conscientização humana em relação ao meio em que vive” (OLANDA e ALMEIDA, 2008, p. 3).

Segundo Marandola Junior e Oliveira (2009), os estudos e análises geográficos de determinadas áreas serão mais aprofundadas com a leitura de romancistas daquelas regiões, pois a visão destes sobre esses lugares trará uma realidade maior para seus estudos. Com isso, podemos entender que os reencontros entre Ciência e Arte: a Geografia e a Literatura podem ser trazidas para a sala de aula, de maneira que os romances brasileiros venham mostrar a realidade de seu povo, as paisagens, os costumes dos lugares, os espaços vividos e transformados, descritos/narrados nas obras literárias.

Segundo Monbeig (1957) *apud* Marandola Junior e Oliveira (2009), as obras literárias costumam descrever ambientes, as paisagens geográficas, relações sociais, processos físicos, como clima, relevo e solo, características de determinadas populações e acontecimentos históricos, que podem contribuir para o conhecimento e análise de determinados lugares e regiões. Assim como era feito no período das grandes navegações, onde as cartas eram utilizadas para informar sobre as descobertas de novas terras.

Nestas cartas, eram feitas as descrições dessa terra, se tinha rios, ouro, se havia algum habitante... Tudo que continha naquela terra era descrito nas cartas para serem informados aos reis, que financiava as grandes navegações. A carta que Pero Vaz de Caminha fez ao chegar a terras brasileiras, para alguns, é considerada a

certidão de nascimento do Brasil, pelos portugueses. O escrivão era o responsável por descrever tudo o que continha nessas novas terras, com isso, as cartas se tornaram arquivos importantes para conhecer mundos recém ocupados.

Nos dias atuais, temos acesso a informações a todo o momento sobre qualquer parte do mundo, de várias formas, mas, muitas vezes as informações sobre determinadas áreas são tão superficiais, que acabam descaracterizando determinados lugares. Um exemplo é a Bahia, tão grande, tão mista, que parece até uma Região, mas para muitos, e principalmente pelas informações, muitas vezes bem superficial, é apenas um lugar que só tem festa e que todos os baianos vivem dormindo em redes e moram na beira da praia.

Porém, se pegarmos o Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras (2006), na parte das obras literárias baianas, podemos conhecer o quão grande a Bahia é. Vamos conhecer o litoral Sul da Bahia, onde foi palco dos primeiros contatos entre os portugueses e as populações nativas do Brasil, em abril de 1500, e que hoje são os municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Prado, aqui, podemos citar a carta Pero Vaz de Caminha. Ainda no Sul da Bahia, obras literárias que descreveram o ciclo do cacau e de como isso mudou a economia do país no período colonial, romances como o Cacau, 1980, de Jorge Amado, Os Magros, 2014, de Euclides Neto, Corpo Vivo, 1977, de Adonias Filho. Nestes romances, os autores retratam a vida dos trabalhadores das fazendas cacaeiras, todas as mazelas sofridas por estes, as desigualdades sociais em meio ao um ciclo econômico tão rico, a questão da terra também está presente nestes romances, principalmente no romance Corpo Vivo de Adonias Filho 1977, o ambiente de fundo vai além da cidade de Ilhéus e da Bahia, chamando a atenção para o processo de migração de trabalhadores de outros estados para trabalhar nas fazendas de cacau no Sul da Bahia.

De acordo com o Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras (2006), muitos elementos que representam uma região podem ser encontrados nos romances, pois estão ambientados neles, como é o caso da cidade de Salvador e sua relação com o Recôncavo Baiano, que suas relações estão retratadas nos romances dos autores – Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e Ana Miranda, esses são alguns deles. o romance Viva o Povo Brasileiro de João Ubaldo Ribeiro 1984, traz em suas obras relatos de grandes acontecimentos históricos brasileiros desde a invasão dos holandeses, a guerra de Canudos, Guerra dos farrapos, Ditadura de Vargas e a

Ditadura Militar, boa parte da obra está ambientada na ilha de Itaparica. Com Tenda dos Milagres 2000 e Capitães da Areia 2008, Jorge Amado retrata a cidade de Salvador como pano de fundo.

Nestes romances, são abordadas denúncias sociais, a desigualdade presente em nosso país desde sua formação, o racismo e o abandono do Estado para com os meninos de rua, são alguns dos pontos caracterizados nestas obras, os aspectos físicos destes lugares também são retratados nestas obras. Neste trecho do livro Capitães da Areia, 2008, de Jorge Amado, pode ser destacado um acontecimento histórico que foi a epidemia da varíola, a busca pela vacina e de como o poder público estava lidando com a saúde pública naquela época:

Apesar disto, os homens da Saúde Pública vinham e levavam os doentes para o lazareto. Ali as famílias não podiam ir visitá-los, eles não tinham ninguém, só a visita do médico. Morriam sem ninguém saber e quando um conseguia voltar era mirado como um cadáver que houvesse ressuscitado. Os jornais falavam da epidemia de varíola e da necessidade da vacina. Os candomblés batiam noite e dia, em honra a Omolu, para aplacar a fúria de Omolu. O pai-de-santo Paim, do Alto do Abacaxi, preferido de Omolu, bordou uma toalha branca de seda, com lantejoulas, para oferecer a Omolu e aplacar sua raiva. Mas Omolu não quis, Omolu lutava contra a vacina. Nas casas pobres as mulheres choravam. De medo do alastrim, de medo do lazareto. (JORGE AMADO, 2008, p. 143-144).

Assim, com os romances acima citados, podemos conhecer várias Bahias e suas singularidades, suas diferentes características, seu povo que é tão singular. Tudo isso registrado nas obras literárias, nas visões de autores que conhecem e se identificam com esses espaços vividos, a ponto de detalhar cada rua, cada costume dos lugares e do povo. São essas características, comportamentos, valores, sentimentos e ações de um povo que a Geografia cultural tanto tem interesse em estudar, como salienta Olanda e Almeida:

A representação na abordagem cultural na Geografia é vista como um processo comunicacional e de conhecimento, comportando, vários elementos como: da reprodução, da relação, da percepção, da abstração, da imagem e do significado. Ela é “expressão do real”, resultante da interação de conhecimentos, emoções, imagens e práticas individuais e coletivas imbricadas por símbolos, os valores, as idéias e a visão de mundo. A compreensão desse conceito contribui para a investigação da imaterialidade presente no espaço romanesco. A linguagem literária assim considerada é, portanto, uma representação, dado que utiliza a linguagem escrita para expressar e comunicar a experiência humana. (OLANDA E ALMEIDA, 2008, p. 16)

Por fim, vem a referida abordagem, descrita por Olanda e Almeida (2008), também nas narrativas do livro *Essa Terra*, de Antônio Torres, que através da sua escrita, expressa e comunica as vivências, cotidianos, dores e anseios do povo do Junco, no sertão baiano, bem como as experiências traumáticas vividas por Nelo na cidade de São Paulo, que acabaram por fazer com que ele voltasse para o sertão baiano. Neste livro, que iremos analisar mais detalhadamente no capítulo seguinte, o autor descreve, os costumes do povo do Junco, as dificuldades enfrentadas por morar em um lugar tão esquecido pelos governantes e, principalmente, por características físicas e climáticas do lugar que acabam intensificando a pobreza e a vontade de migrar para fora do Junco.

Em síntese, o livro *Essa Terra*, 1976, de Antônio Torres, aborda temas como: migração, êxodo rural, seca, sertão, relação cidade-campo, progresso, política e identidade. Sua narrativa está voltada para a história de vida de uma família do povoado do Junco, que tem que migrar em busca de melhores condições de vida. Com o livro, pode se fazer uma leitura geográfica, analisando tanto o espaço vivido, os costumes do povo do Junco, as paisagens do lugar, elementos e processos físicos que são descritos por Torres. Assim, com a leitura geográfica e a possível utilização desta obra nas aulas de Geografia, é possível propiciar aos alunos da educação básica um melhor aprendizado dos conteúdos geográficos, contextualizando-os, e propiciando novas leituras do espaço e da realidade. E, assim, unir a Geografia e a Literatura.

## 2 DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

O presente capítulo está subdividido em três partes, que abordaremos e discutiremos os seguintes temáticas e, também, os dados da pesquisa bibliográfica efetuada no livro *Essa Terra*, de Antônio Torres: breve biografia de Antônio Torres, mostrando um pouco sobre sua vida e suas contribuições para a Literatura baiana e brasileira, além de uma breve resenha do livro *Essa Terra* as abordagens geográficas contidas no livro *Essa Terra* e as possibilidades para o ensino e aprendizagem da Geografia, destacando os conteúdos geográficos presentes nesta obra literária; e as possíveis contribuições do livro *Essa Terra* para as aulas de Geografia.

### 2.1 *Essa Terra*, de Antônio Torres – Breve Biografia e histórico da obra

Segundo a Academia Brasileira de Letras (2016), o autor Antônio Torres da Cruz, nasceu no dia 13 de setembro de 1940, num distrito de Inhambupe chamado Junco (hoje a cidade de Sátiro Dias), no sertão baiano. Filho de Irineu José da Cruz e de Durvalice Torres da Cruz, fez seu primário ainda no Junco na Escola Rural Prof. Anísio Teixeira, cursou os estudos ginasiais na cidade de Alagoinhas, anos depois mudou-se para Salvador, onde estudou no colégio Severino Vieira, porém não concluiu o segundo grau.

Torres trabalhou como repórter no jornal da Bahia, e no diário de última Hora. Com publicidade, trabalhou como redator e diretor de criação em várias agências de São Paulo, Rio de Janeiro e em Portugal. Na Literatura, estreou em 1972 com o romance *Um Cão Uivando para a Lua*, seu segundo livro foi o romance *Os Homens de Pés Redondos* (1973), seguido pelo romance *Essa Terra* (1976) e *Carta ao Pai* em (1979) (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016).

Antônio Torres recebeu vários prêmios como escritor: no ano de 1987, *Torres foi premiado com o Pen Clube do Brasil, para Balada da Infância Perdida*; em 1998, recebeu a comenda de *Chevalier des Arts et des Lettres, do governo francês, pelas suas obras publicadas na França até então: Essa Terra e Um táxi para Viena d'Áustria*. Já no ano de 2000, recebeu o *Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de*

*Letras, pelo conjunto da obra; no ano de 2007, recebeu o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, pelo romance, Pelo Fundo da Agulha (2006). (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016)*

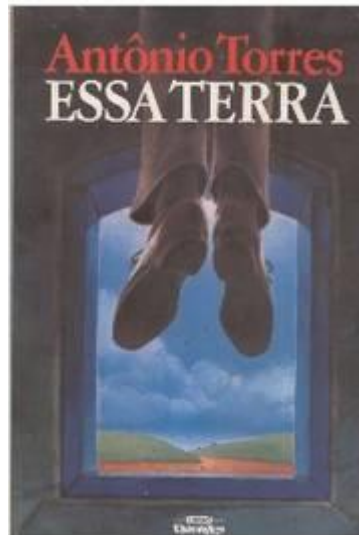
Antônio Torres, no dia 7 de novembro de 2013 foi eleito o oitavo ocupante da Cadeira nº 23, da Academia Brasileira de Letras, tomando posse no dia 9 de abril de 2014. Seus romances focam cenários urbanos e rurais, considerados como romances regionalistas, com várias edições no Brasil e traduções em muitos países como: Argentina, Cuba, Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, Itália, Holanda, Inglaterra e Israel. O romance *Essa terra* está em vias de tradução na Bulgária, Albânia e Vietnã. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016).

*Romances Publicados de acordo com a Academia Brasileira de Letras (2016):*

- *Um cão uivando para a Lua, 1972.*
- *Os homens dos pés redondos, 1973*
- *Essa terra, 1976.*
- *Carta ao bispo, 1979.*
- *Adeus, velho, 1981.*
- *Balada da infância perdida, 1986.*
- *Um táxi para Viena d' Áustria, 1991.*
- *O Centro das nossas desatenções, 1996.*
- *O cachorro e o lobo, 1997.*
- *O circo no Brasil, 1998.*
- *Meninos, eu conto, 1999.*
- *Meu querido canibal, 2000.*
- *O nobre sequestrador, 2003.*
- *Pelo fundo da agulha, 2006.*

Breve resumo do livro Essa Terra - Antônio Torres (Figura 1).

Figura 1: Capa do livro Essa Terra – edição 1988

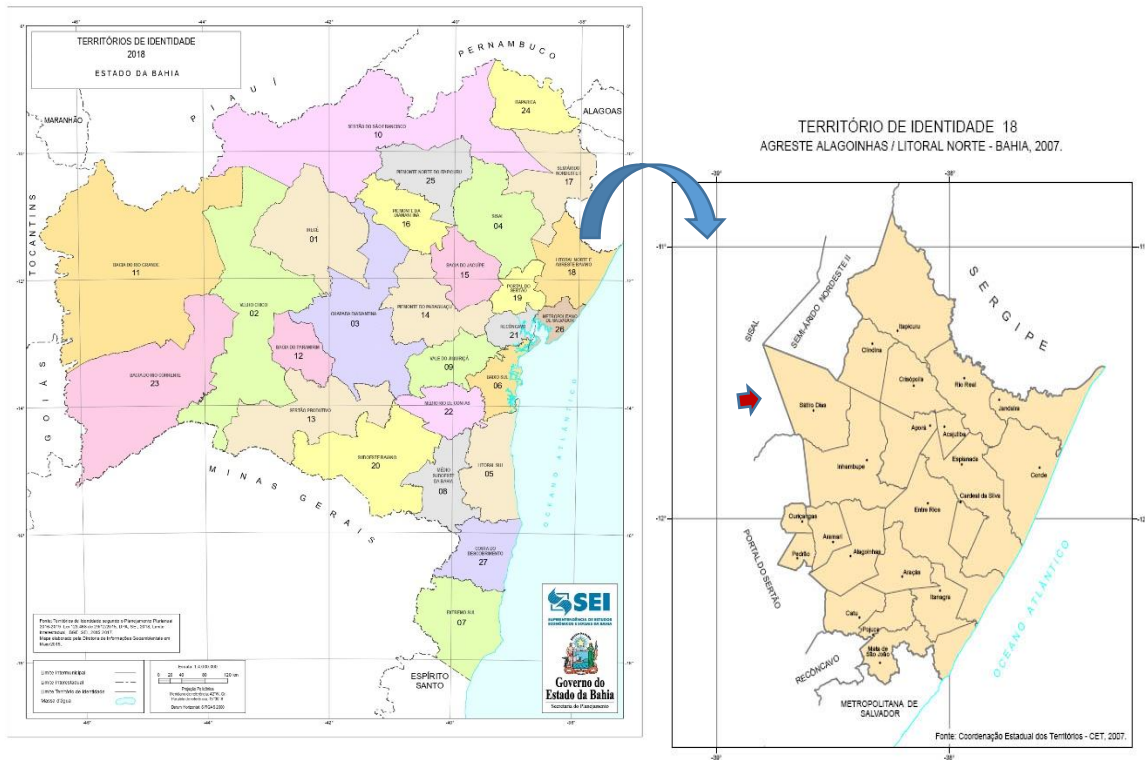


Fonte: Google imagens, 2022

O livro *Essa Terra*, de Antônio Torres, publicado no ano de 1976, apresenta a história de uma família de origem rural, moradora do Junco, distrito de Inhambupe, sertão baiano – atualmente, município de Sátiro Dias, localizado no Território de Identidade Agreste de Alagoinhas/Litoral Norte (Figura 2). A história começa com a lembrança de Totonhim, personagem-narrador da obra, acerca da volta do irmão Nelo para o Junco, de onde havia fugido em busca de uma vida melhor na cidade de São Paulo. Seu enredo é narrado por Totonhim, apresentando a desagregação e a ruína da família, provocada pelo abandono do Junco, sua terra natal, e dos modos de que se baseiam em criação de gado, cultivos de milho e o feijão. O flagelo da família vai se concretizando à medida eles vão abandonando o Junco (CHAVES, 2004).

Primeiro, a fuga de Nelo e o seu revés na grande São Paulo, a ida da mãe e dos irmãos para Feira de Santana e, posteriormente, a perda da roça e ida do pai para um povoado vizinho. O desfecho da história se dá com o suicídio de Nelo, a solidão do Pai e a loucura da mãe, a fuga das filhas e a decisão de Totonhim de ir para São Paulo, buscando o mesmo sonho de Nelo, a superação da miséria e do atraso (CHAVES, 2004).

Figura 2: Território de Identidade Agreste de Alagoinhas/Litoral Norte: Sátiro Dias/BA



Fonte: SEI, 2007. Modificado pela autora, 2022.

O livro conta com 200 folhas, dividido em quatro partes, a primeira chamada “Essa Terra me Chama”, a segunda “Essa Terra me Enxota”, a terceira “Essa Terra me Enlouquece” e a última, “Essa Terra me Ama”. Nesse romance são tratados aspectos físicos, econômicos, sociais culturais, políticos, linguísticos e religiosos do mundo sertanejo.

O livro tem um caráter autobiográfico, pela trajetória do autor ser parecida com a do personagem principal Nelo, que fugiu do Junco em busca de melhores condições de vida. Com temática regionalista, o livro mostra o processo de migração e as dificuldades enfrentadas por uma família do interior da Bahia, a mudança para a cidade de Feira de Santana, a crise de identidade vivida por alguns personagens com o lugar onde vivem (Educação. Literatura, 2015).

Na primeira parte do livro, intitulada “Essa Terra me Chama”, que tem 11 subdivisões, e é marcada com pequenas lembranças do narrador Totonhim, que começa lembrando-se da chegada do irmão, de como o povo do Junco estava ansioso para ver e saber o que Nelo tinha trazido de São Paulo. Naquele momento, o Junco ainda não sabia o que realmente tinha acontecido com Nelo, do seu fracasso na

grande capital paulista, que acaba fazendo com que Nelo volte para o Junco e dê cabo em sua vida. As lembranças do narrador não são lineares, fazendo com que o passado e o presente sejam narrados quase que ao mesmo tempo. Ainda nesta primeira parte do romance, vamos conhecer todos os personagens importantes da história, as tragédias enfrentadas pela família de Nelo, tanto no Junco, quanto em Feira de Santana. Com as lembranças do narrador, o leitor pode se transportar para o Junco, no momento da chegada do banco na cidade, em um dia de domingo, o momento da volta dos homens do banco para cobrar pelo dinheiro que foi emprestado para o povo, quando Totonhim encontrou Nelo pendurado por uma corda, concretizando seu infortúnio.

Na segunda parte, intitulada de “Essa Terra me Enxota”, começa narrando o sentimento do pai ao lembrar-se de tudo que tinha perdido, “três pasto, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos” (Torres, 1976, p. 68). O homem lamenta a sua partida para Feira de Santana e ter que deixar tudo para trás. Ele culpa a mulher por sua partida, por querer morar em uma cidade grande e que os filhos estudassem. Para ele, estudar não levaria ninguém a lugar nenhum. Nesta segunda parte, mostra-se o sentimento que o pai tem pelo lugar que nasceu e criou seus filhos, pelas suas roças e seus bichos. A identidade do pai estar enraizada no Junco, diferente de sua mulher e filhos. Os pensamentos e lembranças do pai sobre a vida que vivia no Junco e a venda das terras para pagar os empréstimos ao banco. A sua ida e morada em Feira de Santana, as dificuldades em se acostumar com esse novo lugar, da fuga das filhas, a desilusão de um homem que foi, aos poucos, perdendo tudo, até mesmo sua identidade de sertanejo.

Na terceira parte, intitulada “Essa Terra me Enlouquece”, é marcada pelas lembranças de Totonhim sobre como sua mãe acabou enlouquecendo. E, também, pela volta de parte da família ao Junco, para o enterro de Nelo. Um capítulo marcado pela dor e amargura que os familiares carregam um para com o outro. Totonhim narra o momento em que sua mãe, em um ataque de loucura, tenta enforcá-lo, no meio da sala, com o corpo do seu outro filho estirado no chão. Os lapsos de loucuras da mãe são entrelaçados aos do doido Alcino, e os últimos momentos de Nelo, que foram marcados pela confusão e o estranhamento com lugar onde nasceu e cresceu, e que

agora não reconhece mais. A confusão de seus pensamentos ao lembrar-se da vida, mulher e filhos que deixou em São Paulo, são marcantes nesta terceira parte.

O capítulo se finaliza com os relatos de Totonhim sobre a época que a família vivia em Feira de Santana, das brigas de seus pais, especialmente quanto à mãe que tinha uma adoração pelo filho Nelo em detrimento ao amor que ela sentia pelos outros filhos. Neste capítulo, nota-se a amargura e revolta que Totonhim carrega em seu coração, em relação a seus pais e com a vida de pobreza e solidão que ele leva no Junco.

O quarto e último capítulo, intitulado de “Essa Terra me Ama”, começa com Totonhim narrando à viagem em que leva sua mãe para um asilo em Alagoinhas. Durante toda a viagem, as lembranças de todo o infortúnio que passou a família, de todo o sofrimento da mãe, ao longo de sua vida, e que, agora, estava afundada em delírios que não a deixavam acreditar na morte de seu filho Nelo. Neste capítulo, o autor mostra como foi a ida para Feira de Santana, ressalta que a pobreza e a miséria enfrentada pela família neste lugar, eram bem piores que no Junco, e que o único ponto positivo desta mudança, foi a ida das crianças para a escola.

O motivo da fuga das irmãs de Totonhim e de como isso afetou diretamente a sanidade de sua mãe são apresentadas nestes últimos capítulos. Totonhim faz uma relação entre a vida na roça e na cidade, fala dos ex-moradores da roça, que agora moram nas periferias das cidades, e que engrossam a massa de pobres e miseráveis desses lugares. O capítulo finaliza com a mãe no asilo, o pai tendo que cuidar, sozinho, dos filhos pequenos e Totonhim, que agora se sente mais sozinho, sem perspectiva de uma melhora de vida no Junco, decidindo ir para São Paulo, em busca do mesmo sonho de Nelo, uma vida melhor.

Muitas são as reflexões levantadas pelo autor Antônio Torres, neste romance, que nos leva a pensar no abandono de poder público em relação aos sujeitos que moram em contextos rurais, o que, muitas vezes, além da pobreza, ao êxodo rural, que é a migração dos moradores destes contextos para as cidades, em busca de melhores condições de vida. E, com isso, as consequências são inúmeras, tanto para as cidades, que não estão preparadas para receber essas populações, e que acabam vivendo em condições piores que no campo, engrossando a massa dos trabalhadores subempregados, desempregados, favelados e marginalizados, como aconteceu com a família de Totonhim.

## **2.2 Contribuições do livro Essa Terra para as aulas de Geografia no Ensino Básico – destacando potencialidades.**

Como já ressaltado, o livro *Essa Terra*, de Antônio Torres, tem uma narrativa voltada para os aspectos regionais, com temas como: sertão, seca, identidade, migração, política, progresso e êxodo rural. O livro tem representações geográficas que podem ser utilizadas para uma melhor apreensão dos conteúdos geográficos trabalhados na educação básica, tendo em vista que, quando o autor faz sua narrativa, falando sobre os aspectos físicos e sociais do Junco e de seus moradores, são também abordados conteúdos geográficos, que são trabalhados por professores de Geografia em sala de aula. A utilização de obras literárias, de maneira que venha ser uma ferramenta para ensinar e aprender Geografia, é defendida pelos autores, Cavalcanti (2017), Oliveira (2011), Castrogiovanini e Kearcher (2011) que discutem a importância da utilização de novas linguagens, como a Literatura, em sala de aula, como uma forma de propor novas metodologias de ensino e uma renovação do ensinar e aprender. Marandola Junior e Oliveira (2009) acreditam que a Literatura tem grande valor para compreender o espaço geográfico, pois nos romances contém descrições de paisagens e regiões que, muitas vezes, eram desconhecidas pelos geógrafos. Assim como o romance *Essa Terra*, há narrativas que apresentam a paisagem e as características físicas e sociais do Junco, um local não conhecido fisicamente pela maioria dos alunos e até professores, mas que pode ser conhecida através da leitura e análise geográfica deste romance.

Sendo assim, neste capítulo serão destacados conteúdos geográficos presentes no livro *Essa Terra*, que poderão contribuir para o ensino e aprendizagem do aluno.

O autor Antônio Torres, retrata em seu livro o processo migratório de parte dos moradores do Junco para o centro urbano em busca de melhores condições de vida e para poder estudar. Como podemos notar nos trechos da primeira parte “*Essa Terra Me Chama*”:

[...] Moças na janela, olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo

e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de Alagoinhas e os Homens da Petrobrás. Estão esperando. Tabaréu, não: rapazes da cidade [...] (TORRES, 2004, p. 13-14).

[...] Até as casadas enlouqueceram, e arrastaram os seus homens e suas filhas para as cidades – reclama-se na venda de Pedro Infante, o abrigo de todas as queixas.

- Muitos maridos vão e voltam, sozinhos, com uma mão adiante e outra atrás. Sina de roceiro é a roça [...] (TORRES, 2004, p. 15).

[...] Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se desprejar do cós das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles Bancários – a fala e a roupa de quem, com toda a certeza, dava muita sorte com as mulheres [...] (TORRES, 2004, p. 17- 18).

Nos trechos acima citados, mostram como o processo migratório foi acontecendo no Junco, como seus moradores viam a fuga do seu lugar como uma forma de conquistar uma vida melhor, e de construir uma identidade referenciada pelas pessoas que moravam na cidade. A cidade é vista pelos personagens como um lugar que todos podem ser o que quiserem e que podem conquistar fortuna facilmente, diferente do Junco, onde a lida no campo é a atividade predominante. A relação campo e cidade é colocada como oposta, a cidade vista como o progresso e desenvolvimento, já o campo, é visto como o atraso, a pobreza, o retrocesso. Esses temas, além da migração pela questão educacional, também são encontrados nos seguintes trechos:

[...] ela foi antes, para nos botar no ginásio. O velho ficou aqui, zanzando, desgostoso, se maldizendo de tudo. De tempos em tempos aí ver a gente, em Feira. Mas enjoou de andar para cima e para baixo, deu para beber e brigar com todo mundo. Um dia não aguentou mais e sumiu na estrada, em cima de um caminhão, aboiando.

- Pobre velho – diz de novo e pergunta pelos meninos.

- Três estão em Feira. Os pequenos. Os outros estão espalhados – nesse instante abro os braços no sentido Norte-Sul. – você vai ter de viajar muito, se quiser catar um a um. Mas não precisa ir além de Salvador [...] (TORRES, 2004, p. 22).

[...] mas a questão agora era saber se meu irmão lembra de cada parente que deixou nestas brenhas, um a um, ele que, não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encanto, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno – e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. Exemplo vivo de que nossa terra também gerar grandes homens [...] (TORRES, 2004, p. 10 - 11).

O processo migratório, a relação campo e cidade, temas apresentados nos trechos do livro, são conteúdos estudado pela Geografia, e que podem ser trabalhados no terceiro ciclo, no “eixo 1: a Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo” (BRASIL, 1998, p. 55), dentro do tema: “A conquista do lugar como conquista da cidadania” (BRASIL, 1998, p 58 ), “as mudanças nas relações sociais do trabalho e a separação entre o campo e a cidade; e, o drama do imigrante na ruptura com o lugar de origem tanto do campo como da cidade;” de acordo com os parâmetros curriculares nacionais (6º ao 9º anos) e também no Ensino Médio (BRASIL, 1998, p. 62).

É neste contexto que o(a) professor(a) pode fazer uso desta obra literária, e dos trechos acima citados, para gerar a discussão sobre o processo migratório enfrentado pelos moradores do Junco, e assim correlacionar as diferenças expostas entre a cidade e o campo, e levantar a reflexão das causas e consequências do processo migratório, tanto do campo para cidade, quanto entre as cidades e as regiões do Brasil.

Outra possibilidade de utilização que o referido livro oferece, é para trabalhar com os temas seca e sertão. Torres detalha as diferenças climáticas enfrentadas pelos moradores do Junco, esse trecho poderá ser utilizado pelo professor de Geografia quando for trabalhar as questões climáticas do Brasil, no “eixo 2: o estudo da natureza e sua importância para o homem, dentro do tema: Os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade de previsão pelo homem” (BRASIL, 1998, p. 62)

[...] Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi. Em 1932 o lugar esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca que já se teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca, para dar sorte.

- O povo caía e morria de sede e fome, como o gado. Era de cortar o coração. As primeiras chuvas de 33 prometiam a bonança, mas ficaram só na promessa. O que se viu mais tarde foi o dilúvio, a sezão e o impaludismo: desta vez o povo caía e morria tremendo, de frio [...] (TORRES, 2004, p.15).

Nesta passagem do livro, Torres mostra como a seca prolongada e a concentração de chuva apenas em uma época do ano podem trazer consequências desastrosas para um lugar, ainda mais se for adicionado o abandono do poder público para essas regiões. O(A) professor(a) pode com seus alunos(as), após a leitura do texto, fazer uma discussão sobre os principais climas do Brasil, diferenciar clima de

tempo, e identificar como as questões climáticas afetam as diferentes regiões do estado e país. O trecho do livro vai ser apenas uma ferramenta para situar o(a) aluno(a) no espaço-tempo, fazendo-os perceber como esses conteúdos geográficos estão diretamente presentes no seu dia a dia.

A identidade e o pertencimento com o lugar são descritos nos seguintes trechos do livro *Essa Terra*:

[...] o velho bateu a cancela, sem olhar para trás. Mas não pôde evitar o baque, o último baque: aquele estremecimento que faz suas pernas bambearem, como se não quisessem ir. Pensou: - Benditas são as mulheres. Elas sabem chorar.

Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso. Já tinha sido um homem, agora não era mais nada. Não tinha mais nada.

- Malditas são as mulheres. Elas só pensam nas vaidades do mundo. Só prestam para pecar e arruinar os homens.

Suas pernas não queriam ir, mas ele tinha que ir. Tinha que chegar à rua e pegar um caminhão para Feira de Santana, de uma vez para sempre.

- Tudo por culpa dela – continuou pensado. – Por causa dessa mania de cidade e de botar os meninos no ginásio. Como se escola enchesse barriga. Se olhasse para trás, veria a grande árvore na porta, sombreando o avarandado – a árvore que ele, a mulher e o filho mais velho plantaram [...] (TORRES, 2004, p. 67- 68).

[...] – Você é igual aos outros. Não gosta daqui – falou zangado, como se tivesse dado um pulo no tempo e de repente tivesse voltado a ser o pai de outros tempos. – Ninguém gosta daqui. Ninguém tem amor a esta terra. Ele tinha, eu sabia, todos sabiam [...] (TORRES, 2004, p. 169).

O processo de identificação e pertencimento com o lugar pode ser visto no amor que o personagem nutre pelas suas roças, gados, pastos e com o lugar que viveu e criou seus filhos. O infortúnio de sua plantação e o endividamento com o banco, fez com que o personagem perdesse suas terras, sendo forçado a migrar para a cidade, o que deixa o personagem mais desolado. Com esses trechos, o(a) professor(a) pode trabalhar a categoria de análise lugar, como também o processo de êxodo rural que são abordados dentro do eixo 3: o campo e a cidade como formações socioespaciais, com tema “A cultura e o consumo: uma nova interação entre o campo e a cidade; como também A modernização capitalista e a redefinição nas relações entre o campo e a cidade” (BRASIL, 1998, p 65). O êxodo rural pode ser trabalhado em sala de aula pelo(a) professor(a) de Geografia com a utilização dos trechos citados anteriormente e também dos seguintes trechos:

[...] veria os pastos desolados, os pendões secos dos cactos inúteis, o sisal da sua ruína. Tudo agora poderia ser reduzido à labaredas de uma coivara,

podia mesmo ter tocado fogo em tudo antes de partir, assim como havia queimado todo o dinheiro nessa plantação, que não serviu nem para uma corda com que pudesse se enforçar [...] (TORRES, 2004, p.85).

[...] Agora o verdadeiro dono de tudo era o mata-pasto, que crescia desembestado entre as ruas dos cactos de palma verdes e pendões secos, por falta de braços para estrovenga. Onde esses braços se encontravam? Dentro dos ônibus, em cima dos caminhões. Descendo. Para o sul de Alagoinhas, para o sul de Feira de Santana, para o sul da cidade da Bahia, para o sul de Itabuna e Ilhéus, para o sul de São Paulo – Paraná, para o sul de Marília, para o sul de Londrina, para o sul do Brasil. A sorte estava no Sul, para onde todos iam, para onde ele estava indo [...] (TORRES, 2004, p.89).

[...] Mas, se a mulher não tivesse endoidecido por esse negócio de cidade e os filhos tivesse ficado, ele não precisaria de trabalhadores, não precisaria de dinheiro de banco nenhum [...] (TORRES, 2004, p.79).

O êxodo rural é um processo bem presente neste livro, as causas e consequências de deixar o campo e ir para a cidade são narradas pelo autor. Além do êxodo rural, a obra apresenta críticas ao abandono do poder público, que só aparece em época de eleição, deixando os moradores do Junco jogados à própria sorte, contribuindo com o processo de êxodo rural. Como são retratadas no trecho a seguir:

[...] \_Não se esqueceu, não, tio – respondi, convencido de que estava fazendo um esclarecimento necessário não apenas a um homem, mas a uma população inteira, para quem a volta do meu irmão parecia ter muito mais significado do que quando o dr. Dantas Júnior veio anunciar que havíamos entrado no mapa do mundo, graças a seu empenho e à sua palavra de deputado bem votado. Foi um dia muito bonito, tão bonito quanto na eleição, embora sem as arruaças, as cervejas e as comidas dos dias de eleição, porque tudo aconteceu de repente, sem aviso prévio. O deputado subiu no palanque feito às pressas em frente do mercado, ergueu seu paletó empoeirado sobre todos nós e disse que o Junco agora era uma cidade, leal e hospedeira. Agora podíamos mandar no nosso próprio destino, sem ter que dar satisfações ao município Inhambupe – e foi justamente essa parte do discurso que o povo mais gostou. E, no entanto, esse dia já está se apagando da lembrança, apesar de nada mais ter acontecido daí por diante. Quem não mudou nada mesmo foi um lugarejo de sapapo, caibro, telha e cal [...] (TORRES, 2004, p. 10 - 11).

O trecho retrata que mesmo o Junco deixando de ser um distrito de Inhambupe e se tornando uma cidade, nada foi feito para melhorar a vida dos moradores, que sem políticas públicas que ajudassem a ter condições de permanecer nesta região, optam por deixar o Junco em direção à cidade e outros lugares.

O êxodo rural, leva os moradores do campo a partirem em busca de melhores condições de vida nas cidades, esse processo pode acarretar consequências desastrosas para o lugar emigrado e para os migrantes, pois além da dificuldade de estar em um lugar diferente de tudo que conhece, eles têm que conviver com a marginalização social, a falta de emprego, a xenofobia, o subemprego, a desilusão, a

falta de moradia, o preconceito, a discriminação, a violência urbana e a violência policial, como é retratada no livro de Torres, nos seguintes trechos:

[...] eles me agarraram pelas orelhas e pescoço e bateram minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios, entrasse nos apartamentos, despertasse os homens, as mulheres e as crianças, rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: - Socorro. Estão me matando.

Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando. Eles continuaram batendo minha cabeça no meio-fio. A luz entrou no meu olho, dura e penetrante, como a dor. Era um holofote, era um facho, era uma estrela. Foi nesse momento que a mão de papai apareceu, me oferecendo um chapéu. – Cubra a cabeça. Assim dói menos. Tentei esticar o braço, mas quando minha mão já estava quase agarrando o chapéu, levei nova pancada.

Eu não fiz nada. Juro por Deus.

Cacos da minha cabeça voavam e se espalhavam pela calçada. Eles continuavam batendo.

- Passa o dinheiro, vagabundo.
- Eu não sou ladrão. Podem me matar, mas eu não sou ladrão.
- Então mostra os documentos.
- Esqueci em casa, já disse [...] (TORRES, 2004, p.55 - 56).

[...] Devem ser uma dúzia de homens, fardados e armados. Aqui, no meio da rua. Na grande capital.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.

No meio da fumaça, no meio do dinheiro.

Não sei se fico ou se volto.

Não sei se estou em São Paulo ou no Junco.

- Levanta, corno.

Eles me mandam dançar um xaxado. Não posso, não agüento, não suporto. Voltaram a me bater.

O homem na janela deve ter saído da janela. Apagou a luz, desapareceu, foi dormir.

São Paulo é uma cidade deserta. Outra pancada e esqueci de tudo[...] (TORRES, 2004, p. 62 - 63).

A violência policial descrita por Torres nestes trechos, é algo corriqueiro nas grandes, médias e pequenas cidades, e afeta a vida de homens e mulheres pretos, pobres e periféricos. Com esses trechos, o(a) professor(a) pode trabalhar as questões de violência policial e de segurança pública. Uma questão que também pode ser levantada pelo(a) professor(a), são as temporalidades dos acontecimentos descritos nos trechos, pois o livro foi publicado em 1976, já trazendo relatos da violência policial daquela época e que se aprofundou na atualidade, trazendo maior insegurança para a população pobre, afrodescendente e periférica.

Nesse sentido, a importância da utilização dos romances pode ser vista, principalmente, no marco temporal, pois podemos fazer uma análise sobre uma

estrutura social presente em determinada sociedade no passado, fazendo relação com o presente, refletindo quais mudanças ocorreram com o passar do tempo e quais mudanças serão necessárias ocorrer para o futuro desta sociedade.

Com o livro *Essa Terra*, podemos conhecer o Junco, e os problemas físicos e sociais enfrentados pelos seus moradores. Podemos também entender que existem muitos Juncos pela Bahia e pelo Brasil. Lugares sem o olhar atencioso do poder público, quem vão perdendo suas forças de trabalho para as cidades, por não fornecerem o mínimo para a sobrevivência digna destes.

Assim o que permanece nesses lugares, muitas vezes, é a população idosa e as casas fechadas. Nesse processo, as cidades médias e grandes vão se tornando cada vez mais cheias, com bairros, não planejados, sem condições de receber e suportar a população, que se deslocando para áreas irregulares com elevados riscos de desabamento, como encostas e topos de morros, sem acesso a serviços de saneamento básico e infraestrutura, mas que se torna a única alternativa para pessoas de baixa renda que, na maioria das vezes, são migrantes, como descreveu Torres no seguinte trecho:

[...]São muitos os meus parentes arranchados logo na entrada da cidade. Tomaram um bairro inteiro, devem estar acordando. Vivem aqui como se vivessem na roça, devem estar acordando. chafurdam no gueto, chafurdam nos esgotos. Não é preciso ir muito longe. Aqui mesmo: Alagoinhas, Bahia, Miserabilenta vida miserável, não quero mais duzentos anos de seca, não quero mais um século de fome. Homens da roça fazem fila nas portas dos homens da roça que mora na cidade. O bairro de entrada é o mais fedido de todos, o mais fodido. Isto aqui é igualzinho a Feira de Santana[...] (TORRES, 2004, p. 164 -165).

Como descrito por Torres, o efeito do intenso fluxo de pessoas em direção às cidades pode causar inchaço urbano, precarização da moradia, aumento do número de pessoas morando em condições precárias nas favelas, aprofundamento da desigualdade social, exclusão social e da segregação socioespacial. Muitas são as discussões que podem ser levantadas pelo(a) professor(a) de Geografia com esse trecho do livro, discussões sobre como os governos poderiam criar políticas públicas de urbanização para a população menos favorecida e que moram em favelas, invasões e periferias das cidades. Planejamento urbano voltado para a população mais pobre, e refletir sobre o papel do poder público em qualificar e urbanizar as áreas ainda não urbanizadas para a moradia digna da população mais carente.

Esses temas podem ser trabalhados pelo(a) professor(a) de Geografia nos eixos 2 e 3: No eixo 2: um só mundo e muitos cenários geográficos, com o tema “Estado, povos e nações redesenhando suas fronteiras, dentro dos itens: pobreza e exclusão social nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos” (BRASIL, 1998, p. 108). E “mobilidade da população e reprodução das desigualdades socioespaciais nas cidades e no campo” (BRASIL, 1998, p. 113). Já no “eixo 3: modernização, modos de vida e a problemática ambiental, dentro do tema: Ambiente urbano, indústria e modo de vida” (BRASIL, 1998, p. 117). Dentro dos itens: “moradia urbana: habitações e conforto urbano; políticas públicas urbanas (planos diretores, infraestrutura e a cidade apartada); industrialização e mecanização da agricultura e concentração populacional nas cidades” (BRASIL, 1998, p. 118).

Em suma, a leitura e análise do romance *Essa Terra*, proporciona reflexão sobre nossa sociedade, além de discussões acerca de acontecimentos marcantes, como o processo de êxodo rural, seca, violência policial, identidade, dentre outros. A utilização do livro em sala de aula, como uma ferramenta para potencializar o ensino e aprendizagem do(a) aluno(a), se faz muito importante, pois, além de mostrar para os(as) alunos(as) como os conteúdos geográficos estão presentes no seu dia a dia, também faz com que o(a) aluno(a) se identifique e “viaje” pela obra literária, conhecendo outros lugares e outras realidades.

Assim, não precisamos ir até o Junco para entender como a população do campo sofre com o descaso do poder público, visto que os espaços rurais dos municípios da Bahia, e muitos do Brasil a fora, sofrem com os mesmos problemas. Uma vez que muitos alunos(as) advindos dos contextos rurais para a cidade, a fim de estudar, acabam conhecendo um novo mundo, bem diferente da sua realidade de vivência e acabam despertando o desejo de deixar o campo, muitas vezes por falta de atividades de lazer, emprego, acesso à educação, desde os anos iniciais até a faculdade e, principalmente, políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do campo que proporcione meios para que os jovens tenham vontade de permanecer neste lugar.

Dessa maneira, as ações aqui apresentadas, para a utilização do romance *Essa Terra*, de Antônio Torres, nas aulas de Geografia, são relevantes para contribuir com a interdisciplinaridade, renovação do ensino, e, principalmente, favorecer o aprendizado dos(as) alunos(as) com os conteúdos geográficos presentes no livro, que

são trabalhados nas aulas de Geografia e que estão no seu cotidiano. Assim, a união da Literatura e Geografia vai ao encontro do que foi discutido pelos autores citados neste trabalho. Destacamos Olanda e Almeida (2008, p. 2), que acreditam que a aproximação entre a Geografia e a Literatura é um caminho que os geógrafos podem utilizar para compreensão da realidade. Nesse sentido, a realidade descrita no livro de Torres pode ser utilizada nas aulas de Geografia para uma maior compreensão e estudo do espaço, das paisagens e da relação do homem com a sociedade e, sobretudo, com sua terra/lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer esta pesquisa bibliográfica, a partir da obra *Essa Terra*, de Antônio Torres, foi possível refletir a respeito das possibilidades, aproximações e articulações entre a Geografia e a Literatura para o ensino e aprendizagem dos conceitos e conteúdos geográficos na educação básica.

Neste sentido, notou-se que as diversas linguagens, dispostas no livro *Essa Terra*, podem contribuir para o ensino e aprendizagem da Geografia, visto que, possui grande potencial ao encaminhar possibilidades nas aulas de Geografia, ou seja, a obra pode ser utilizada para uma maior compreensão e estudo do espaço, das paisagens e da relação do homem com a sociedade e, sobretudo, com sua terra/lugar. Sendo assim, esses aspectos que aparecem na obra *Essa Terra* podem ser bem aproveitados, inter-relacionando-os aos conceitos da Geografia, provando, assim, que, há possibilidades de se ter um trabalho interdisciplinar entre Geografia e Literatura, bem como com outros componentes curriculares, a fim de fornecer outros instrumentos para que os(as) alunos(as) façam novas leituras da realidade.

A partir desse estudo foi possível notar que a obra *Essa Terra* apresenta riquíssimos aspectos regionais, com temas, como: sertão, seca, identidade, migração, política, progresso e êxodo rural, que podem ser utilizados em sala de aula como um recurso didático ou estratégias de ensino para produzir articulações nas aulas de Geografia, a fim de possibilitar uma maior inovação ao ensinar e do pensar geográfico, gerando apreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula, bem como articulando estes conteúdos com a realidade vivida.

A obra literária e a Geografia têm grandes possibilidades de interação e inter-relação, tendo em vista que tanto o literato utiliza-se do espaço geográfico e de suas vivências e experiências espaciais para produzir seu texto, quanto a Geografia pode utilizar-se das obras literárias para que os(as) alunos(as) possam conhecer outras realidades ou se reconhecer nos contextos descritos.

Por fim, percebe-se que o processo de migração que foi representado na obra, *Essa Terra*, pode ser estudado e ressignificado nas aulas de Geografia, pois, o docente deve expor o conteúdo de maneira contextualizada e não somente dizer quais são os conceitos de migração, sem uma prévia contextualização e esta obra é repleta de conteúdos de Geografia que podem ser repensados de maneira crítica e assertiva.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Academia Brasileira de Letras: biografia Antônio Torres, 2016.** Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-torres/biografia>. Acesso em: 04 julho. 2022 às 15h:06min.

ALVES, C. C. E. **Ensino de Geografia e Suas Diferentes Linguagens no Processo de Ensino e Aprendizagem: Perspectivas para a Educação Básica e Geográfica.** 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856412004.pdf>. Acesso em: 01 julho. 2022 às 14h:53min.

AMADO, JORGE. **Capitães da Areia.** 6ªed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1937.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280931>. Acesso em: 09 maio. 2022 às 14h:20min.

BARBOSA, E. M. S. **A Geografia Na Escola: Espaço, Tempo E Possibilidades.** *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. xx, jan./jun. 2016. Disponível em: [Art-7-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Barbosa.pdf](#). Acesso em: 08 Junho. 2022 às 17h:53min.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>. Acesso em: 08 Junho. 2022 às 13h:23min.

CALLAI, H. C. **O Ensino Da Geografia E A Nova Realidade.** *Boletim Gaucho de Geografia* no 24 - AGB-PA- Porto Alegre- p. 9-160- Maio 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38900/26307>. Acesso em: 21 junho. 2022 às 18h:23min.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia E A Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas.** *Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais* Belo Horizonte, novembro de 2010.

CAVALCANTI, L. S.; SOUZA, V. C. **A formação do professor de Geografia para atuar na educação cidadã.** In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 13., 2014, Barcelona, 2014.

CHAVES, V. P. Um Novo Sertão na Literatura Brasileira: Essa Terra, de Antônio Torres. In: TORRES, ANTÔNIO. **Essa Terra.** 16ªed. Rio de Janeiro. Record, 2004, p. 173 – 188.

CLAVAL, P. tradução L. F.P. e M.C.A.P. **Geografia cultural**. Florianópolis: ed. da UFSC,1999.

DEON, A. R.; CALLAI, H. C. **A Educação Escolar e a Geografia como Possibilidades de Formação para a Cidadania**. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6741/566> 2. Acesso em: 21 junho 2022 às 18h:17min.

Educação. Literatura. Resumos de livros Essa Terra, **Gobo.com**, 2015. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art\\_10.php](http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/art_10.php). Acesso em: 31 maio. 2022 às 14h:29min.

FERREIRA, K. F. C. **O Uso De Diferentes Linguagens No Ensino De Geografia Para Estudo E Compreensão Do Espaço Geográfico E Da Globalização**. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 8, n. 14, p. 114-127, jan./jun. 2017. ISSN 2179-4510 - <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/>. Acesso em: 30 março. 2022 às 18h:06min.

GUIA DO ESTUDANTE. “Capitães da areia” – resumo da obra de Jorge Amado. **Abril.com**, 2019. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/capitães-da-areia-resumo-da-obra-de-jorge-amado/>. Acesso em: 02 julho. 2022 às 13h:39min.

GOOGLE IMAGENS. Sátiro Dias. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1tiro\\_Dias](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1tiro_Dias) Acesso em: 02 Agosto. 2022 às 16:00h.

KAERCHER, N. A. **A Geografia Escolar Não Serve Para Quase Nada, MAS...** *Revista Geográfica de América Central*, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-13 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=4517448>. Acesso em: 21 junho. 2022 às 17:00h.

KAERCHER, N. A. **A Geografia Escolar: Gigante de Pés de Barro Comendo Pastel de Vento num Fast Food?.** 2007. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/220/204>. Acesso em: 01 julho. 2022 às 16:00h.

LIMA, S.T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. In: **Geosul**. Florianópolis, 15, nº 30, jul/dez, 2000.

MARANDOLA, E. J. E OLIVEIRA, L. **Geograficidade E Espacialidade Na Literatura**. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MEDEIROS, A. L. N. **Literageo: Três Caminhos Para Entrelaçar Geografia E Literatura**. 2014. Disponível em: [http://www.cbq2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404150680\\_ARQUIVO\\_artigo\\_cbq\\_final.pdf](http://www.cbq2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404150680_ARQUIVO_artigo_cbq_final.pdf). Acesso em: 21 junho. 2022 às 18h:24min.

MONBEIG, Pierre. O Estudo Geográfico das Cidades. In: \_\_\_\_\_. **Novos estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Difel, 1957. p.33-77.

MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica**. 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/4310968/Antonio\\_Carlos\\_Robert\\_Moraes\\_Pequena\\_Historia\\_Critica](https://www.academia.edu/4310968/Antonio_Carlos_Robert_Moraes_Pequena_Historia_Critica). Acesso em: 21 jun. 2022 às 17:40

MORAIS, I.R.D. Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades. In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013

MOURA, J. D. P.; ALVES, J. **Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: Elementos para a prática educativa**. 2002. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/6733/6075>. Acesso em: 21 jun. 2022 às 17h:40min.

OLANDA, D.A.M. & ALMEIDA, M.G. de. **A geografia e a literatura: uma reflexão Geosul**, v.23, n.46, 2008

OLIVEIRA JUNIOR, W.M.; GIRARDI, G. **Diferentes linguagens no ensino de geografia**. 2011. Disponível em: <https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>. Acesso em: 21 junho. 2022 às 18h:02min.

PINHEIRO, R. S. **O Espaço Literário: Apontamentos para o diálogo entre Geografia e Literatura**. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/4123/0>. Acesso em: 01 julho. 2022 às 18h:02min.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. et al. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2017.

**Procurando Nemo**; Direção: Andrew Stanton. Produção: Pixar Animation Studios. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2003.

SANTOS, Rosselvelt José. COSTA, Cláudia Lúcia da. KINN, Marli Graniel. **Coleção explorando o ensino: Geografia**. In: **Ensino de Geografia e novas linguagens**. Brasília: MEC. Volume 22, 2010

SOUZA, G. E. R. **Geografia E Literatura: A Relação Cidade-Campo Na Obra Leo Lynce**. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/43370193/GEOGRAFIA\\_E\\_LITERATURA\\_A\\_RELAC3%87%C3%83O\\_CIDADE\\_CAMPO\\_NA\\_OBRA\\_LEO\\_LYNCE](https://www.academia.edu/43370193/GEOGRAFIA_E_LITERATURA_A_RELAC3%87%C3%83O_CIDADE_CAMPO_NA_OBRA_LEO_LYNCE).

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY. Antoine; FERRAS.Robert; PUMAIN. Denise (Sous la direction). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1991.

TONINI, I. M. **Para pensar o ensino de Geografia a partir de uma cultura visual....**  
in Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. REGO, N.;  
CASTROGIOVANNI, A. C.; KEARCHER, N. A. – Porto Alegre: penso, 2011

TORRES, ANTÔNIO. **Essa Terra.** 16<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro. Record, 2004

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982.